



INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

ARTIGOS

ÉTICA, LEITURA E UNIVERSIDADE

PROFA. DRA. OLGÁRIA CHAIN FERES MATOS

O historiador da Renascença florentina, Jacob Burckhardt, refletindo sobre o que são grandes obras e pensadores, refere-se a Platão, Píndaro, Rafael de Sâncio, mas não aos grandes navegadores, porque a América teria sido descoberta mesmo se Colombo morresse recém-nascido. Mas “A Transfiguração” de Rafael jamais teria sido pintada se ele não o tivesse feito. Grandes são aqueles sem os quais o mundo seria incompleto.

Estes documentos de cultura são mensagens à distância enviadas pela tradição e não teriam chegado até nós sem a escrita. Pois o que seria da história e da literatura grega sem os *papyrus* transportáveis? As grandes obras são como cartas, decerto longas, trocadas por missivistas que transmitem um amor comum àqueles que as recebem.

Elemento por excelência nobre na tradição ocidental é a leitura atenta e concentrada, pois elabora o nosso mundo interno, construindo-se na dimensão livre da palavra, e é *medium-de-reflexão* de nossas relações com o outro e com nossos medos e esperanças. Assim, no século XVIII, o pintor Chardin realiza uma de suas mais comoventes obras, “Jovem na sala de leitura”. Embora o personagem esteja na biblioteca de sua casa, veste-se com roupas cerimoniosas, sua atitude é hierática, uma luz emana entre o leitor e o livro. A leitura é experiência numinosa e não está longe do sagrado e de uma apreensão aurática da escritura – o que requer uma determinada relação com o tempo.

Em *A Busca do Tempo Perdido*, Proust narra como, aos poucos, foi se constituindo para ele a Sonata de Vinteuil que acompanha toda a obra: “esse tempo de que

Sumário

ARTIGOS

<i>ÉTICA LEITURA E UNIVERSIDADE</i>	1
<i>CCINT BUSCA INTERNACIONALIZAÇÃO DA FACULDADE</i>	2
<i>CATEDRA DE ESTUDOS ALEMÃES É INAUGURADA NA FFLCH</i> ..	4
<i>LEI DO PASSE – CONSULTA AOS DOCENTES</i>	5

ENTREVISTAS

<i>ENTREVISTA COM GABRIEL COHN</i>	7
<i>ENTREVISTA COM WALNICE NOGUEIRA GALVÃO</i>	10

ESPAÇO MEMÓRIA

<i>ENTREVISTA COM MARIA LIGIA PRADO</i>	15
---	----

EVENTOS

<i>DEBATES</i>	18
<i>IV COLÓQUIO – PERSPECTIVAS DA LITERATURA FRANCESA</i>	
<i>O ROMANCE FRANCÊS DO SÉCULO XX</i>	18

<i>PRODUÇÃO DA FACULDADE</i>	19
------------------------------------	----

PROGRAMA PREVENTIVO DE SEGURANÇA

<i>COMUNITÁRIA</i>	19
--------------------------	----

necessita um indivíduo para ingressar em uma obra profunda é como o resumo e símbolo dos anos e por vezes séculos que devem transcorrer até que o público possa apreciá-la verdadeiramente(...). Foram os próprios quartetos de Beethoven que levaram cinquenta anos para dar vida e número ao público de suas composições, realizando o que seria impossível encontrar quando a obra-prima apareceu, isto é, criaturas capazes de amá-la”.

A leitura é experiência ética e a orientação fundadora na formação universitária. A filosofia, a literatura, a história nos oferecem aquelas formulações exemplares úteis por seu valor didático e imortais por seu valor poético: a alegoria da Caverna de Platão, os astros dispostos no céu que emitem a música das altas esferas dos pitagóricos; o rio, as águas que são sempre outras e outras águas, de Heráclito; o céu estrelado de Kant que “enche a alma de admiração e respeito”. Filósofos-poetas, como Platão, Lucrécio e Nietzsche, Albert Camus e W. Benjamin, Leopardi e Cioran, ou poetas-filósofos, como Shakespeare, Baudelaire fazem parte daquela linhagem de humanização do homem, a árdua tarefa que cabe ao próprio homem. Eis o que Freud reconhece em “O Moisés de Michelangelo”. Contrariando a narrativa histórica e a da tradição, que no episódio das Tábuas da Lei representa-o em um momento de cólera contra o povo idólatra, Freud analisa os gestos

eternizados no mármore, o movimento brusco do rosto que deixa a barba deslocada, os pés a meio-passo, as tábuas escorregando sob o braço: “a massa potente bem como a musculatura exuberante da força da personagem tornam-se apenas um meio de expressão totalmente material a serviço da mais alta proeza psíquica de que um homem é capaz: vencer sua própria paixão em nome de uma causa à qual se sabe votado”. Trata-se do controle dos impulsos pela força moral que é a trajetória do processo civilizatório.

A formação de um *ethos* na universidade pública e sua responsabilidade no fortalecimento espiritual da sociedade, requer reaver e fortalecer a esfera diferencial da leitura – aquela que defende a Universidade de ceder às contingências do mercado e sua adaptação ao tempo acelerado das revoluções tecnológicas. E como a leitura, a disposição ética requisita o tempo, à distância da transformação da pesquisa em produção, da reflexão em *performance*, do especialista em *expert*, do conhecimento em entretenimento.

A vida ética universitária não necessita apenas do profissional da leitura, mas do intelectual capaz de alcançar o seu sentido. Pois se a leitura é provedora de paciência e produtora de consciência, se ela vive do amor à palavra e à escrita, crise da leitura é, para lembrar Adorno, “defeito na capacidade de amar”.

CCInt BUSCA INTERNACIONALIZAÇÃO DA FACULDADE

POR ALINE VICENTE MIGUEL

No dia 09 de fevereiro de 2006, a Comissão de Cooperação Internacional (CCInt) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP foi instituída oficialmente com a eleição dos professores Pablo Rúben Mariconda como presidente e Benjamin Abdala Junior como seu suplente.

A comissão é um órgão colegiado composto por um representante docente de cada Departamento da Facul-

dade (e seu respectivo suplente) e é secretariada por Rosângela Duarte Vicente. Foi solicitado um representante discente, o qual ainda não foi indicado pelos alunos.

Entre as suas finalidades, estão: assessorar a diretoria, os órgãos colegiados e os Departamentos da FFLCH nas questões pertinentes às relações internacionais e coordenar a solução de problemas relativos à

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

REITOR:

Profa. Dra. Suely Vilela

VICE-REITOR:

Prof. Dr. Franco Maria Lajolo

DIRETOR:

Prof. Dr. Gabriel Cohn

Vice-Diretora

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

COMITÊ EDITORIAL DO INFORME: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Prof. Dr. Gabriel Cohn (DCP), Prof. Dr. Pablo Ruben Mariconda (DF), Profa. Dra. Zilda Márcia Gricoli Iokói (DH), Profa. Dra. Esmeralda Vaillati Negrão (DL), Prof. Dr. Flávio Wolf de Aguiar (DLCV) e Sra. Eliana Bento da S. A. Barros (AÇÃO) - Membro Assessor. SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO: Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros – MTb 35814. COORDENAÇÃO: Dorli Hiroko Yamaoka – MTb 35815, PROJETO GRÁFICO: Dorli Hiroko Yamaoka, Erbert A. Silva – MTb 35870. DIAGRAMAÇÃO: Dorli iroko Yamaoka. COLABORADORES: Aline Vicente Miguel, Monique Fonseca Carvalho e Verônica Reis Cristo. REVISÃO: Daniela Yoko Taminato. SERVIÇO DE ARTES GRÁFICAS: João Fernando Querido Salvado. IMPRESSÃO: Gráfica – FFLCH/USP. TIRAGEM: 1500 exemplares.

implementação dos convênios de intercâmbio, realizando gestões junto aos órgãos competentes no sentido de concretizar os acordos propostos. Além disso, o novo órgão também será responsável por estudar e sugerir medidas que visem ao aperfeiçoamento da cooperação internacional da Faculdade.

Pablo Mariconda explica que anteriormente as questões referentes às relações internacionais da FFLCH, como intercâmbios de alunos e docentes e assinaturas de convênios acadêmicos, eram resolvidas pela Comissão de Cooperação Internacional da USP, pelo intermédio da Assessoria de Convênios e Intercâmbios da Faculdade. Se um pesquisador ou Departamento estivesse interessado em firmar um convênio acadêmico com alguma universidade ou instituição estrangeira, por exemplo, ele deveria tratar sobre essa questão com a CCInt da USP, através da Assessoria já mencionada, no que se refere aos procedimentos e à documentação necessária para a assinatura do acordo entre as duas universidades.

Segundo Rosângela, o aumento da demanda por assuntos referentes à cooperação internacional dentro da FFLCH mostrou a importância de a unidade criar uma representação institucional própria, para que cada docente apresente as sugestões e as necessidades de seu Departamento. Desse modo, Mariconda vê a comissão da FFLCH como um órgão que será responsável pela centralização dessas ações, permitindo uma maior agilidade nas negociações. "A decisão de firmar um convênio ou um projeto de pesquisa em conjunto sempre parte dos pesquisadores. O que nós podemos fazer é ajudar na parte burocrática, esclarecendo eventuais dúvidas e procedimentos e orientando sobre o melhor tipo de acordo a ser feito", afirma.

O presidente, porém, faz duas ressalvas. A primeira é o fato de que a CCInt da FFLCH não será autônoma em relação à CCInt da Universidade. As questões referentes ao regimento e ao funcionamento estarão adequadas à comissão superior. Em segundo lugar, a comissão da FFLCH, num primeiro momento, será apenas consultiva, ou seja, subordinada política e decisoriamente ao CTA da Faculdade. Segundo Mariconda, a possibilidade de a comissão tornar-se executiva será estudada futuramente.

Nesse momento inicial das atividades, ele decidiu realizar um levantamento e um estudo de todos os convênios que a FFLCH já possui ou que estão em negociação. Para o professor, esse procedimento é necessário porque não só na Faculdade, mas na Universidade como um todo, há muitos acordos que ficam somente no papel. O fato de a USP assinar um acordo com uma instituição estrangeira para a

realização de atividades acadêmicas em conjunto não significa que o convênio irá, de fato, funcionar. Ele pode se tornar uma estrutura vazia, já que o seu acionamento dependerá da iniciativa de professores e pesquisadores em apresentarem projetos de trabalho dentro desse convênio. Nesse sentido, a comissão poderá estimular o desenvolvimento de atividades dentro dos convênios já existentes. Para isso, será necessário fazer uma pesquisa juntos aos Departamentos da FFLCH e aos pesquisadores, levantando os acordos que existem e questionando-os quanto ao interesse em renová-los ou desativá-los.

O professor afirma que a comissão também dará toda a orientação e o apoio necessários aos alunos interessados em realizar parte de seus estudos no exterior. Os anúncios referentes a vagas para intercâmbios serão divulgados pela própria comissão, a qual também será responsável por fazer as inscrições dos estudantes interessados e agilizar a etapa burocrática, a qual envolve a documentação, a concessão de equivalências nas disciplinas cursadas e a pré-seleção.

Em geral, há uma série de pré-requisitos que variam dependendo do convênio. Para estudar nos EUA, por exemplo, é necessário que o aluno obtenha uma certa nota no exame de avaliação de proficiência em inglês TOEFL (Test of English as a Foreign Language – Teste de Inglês como Língua Estrangeira). Mariconda, porém, ressalta que o que interessa para a comissão é a troca de estudantes. "Temos que trabalhar não só para que os nossos alunos realizem estudos em outros países, mas também para que alunos do exterior venham fazer o nosso curso. Isso é importante para a internacionalização da Faculdade", conclui.

A Comissão de Cooperação Internacional da FFLCH está sediada no Prédio da Administração, sala 113, com horário de atendimento das 8h às 12h e das 14h às 17h, tendo como secretária a Sra. Rosângela Duarte Vicente.
Fone/Fax: 30913572
Email: assessor@usp.br

MEMBROS DA COMISSÃO

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Titular: Márcio Ferreira da Silva

Suplente: Rose Satiko Gitirana Hijiki

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

Titular: Marta Teresa da Silva Arretche

Suplente: Rafael Antonio Duarte Villa

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Titular: Pablo Rubén Mariconda

Suplente: Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Titular: Eni de Mesquita Samara

Suplente: Carlos Roberto Figueiredo Nogueira

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Titular: Maria Mônica Arroyo

Suplente: Cleide Rodrigues

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Titular: Benjamin Abdala Júnior

Suplente: João Roberto Gomes de Faria

DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA

Titular: Jairo Morais Nunes

Suplente: Raquel Santana Santos

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

Titular: Laura Janina Hosiasson

Suplente: Olga Alejandra Mordente

DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

Titular: Arlete Orlando Cavalieri

Suplente: Mamede Jarouche

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

Titular: Samuel de Vasconcelos Titan Júnior

Suplente: Ana Paula Sá e Souza Pacheco

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Titular: Maria Arminda do Nascimento Arruda

Suplente: Nadya Araújo Guimarães

CÁTEDRA DE ESTUDOS ALEMÃES É INAUGURADA NA FFLCH

POR ALINE VICENTE MIGUEL



Fortalecer as relações culturais entre o Brasil e a Alemanha e o respeito entre seus povos. Na opinião de Suely Vilela, reitora da Universidade de São Paulo, essa será uma das principais atribuições da *Cátedra Von Martius de Estudos Alemães e Europeus* da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. A assinatura do convênio entre a USP, através da FFLCH, e o DAAD (Serviço de Intercâmbio Alemão), visando a instituição da Cátedra ocorreu no dia 08 de março de 2006 no auditório da Casa de Cultura Japonesa. Além da reitora, também estiveram presentes no evento o cônsul-geral da Alemanha em São Paulo, Hubertus Von Murr; o diretor-geral do DAAD Christian Bode; e o ex-diretor da FFLCH e atu-

al pró-reitor de cultura e extensão Sedi Hirano.

O médico, botânico e antropólogo alemão Carl Friedrich Philipp Von Martius (1794-1868) foi um dos mais importantes pesquisadores que estudaram o Brasil. Ele chegou ao país em 1817, fazendo parte da comitiva da Grã-Duquesa austríaca Leopoldina, que viajava para o Brasil a fim de se casar com D. Pedro I. Na mesma expedição, estava o cientista Johann Baptiste von Spix (1781-1826). Juntos, percorreram, por três anos (1817 a 1820), os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Pará e Amazonas, a fim de formar coleções botânicas, zoológicas e mineralógicas. Essa expedição foi relatada na obra *Via-*



gem pelo Brasil, escrita pelos dois cientistas.

Mas *Flora brasiliensis* é sua obra fundamental. Em 15 volumes, ele descreveu mais de 22.000 espécies da flora nativa brasileira. É a maior obra de referência conhecida so-

bre as plantas do nosso país. Seus estudos, porém, não se restringiram à botânica. Ele também estudou o cotidiano e os costumes dos povos das regiões que visitou. Assim, suas pesquisas englobam línguas indígenas, etnografia e folclore.

Sedi Hirano explica que essa Cátedra já existia na USP: pertencia ao Instituto de Estudos Avançados – IEA – e chamava-se *Cátedra de Ecologia Carl Friedrich Philip Von Martius*. Em 2005, uma série de negociações entre Sedi Hirano (diretor da FFLCH na época), João Steiner (diretor do IEA), Gabriele Althoff (diretora do DAAD) e os professores Leopoldo Garcia Pinto Waizbord, Ricardo Ribeiro Terra, Gabriel Cohn, Jorge Luís da Silva Grespan e Helmut Galle fizeram com que essa Cátedra fosse transferida para a Faculdade, com outra denominação. Segundo Hirano, Gabriele Althoff achou conveniente fazer essa transferência por dois motivos. Um é o fato de que no IEA não há alunos de graduação nem de pós-graduação e a presença de pesquisadores é pequena. Já a outra razão seria a possibilidade de ampliar a área de estudos da Cátedra caso esta passasse a fazer parte da FFLCH. Assim, serão desenvolvidas pesquisas sobre diversos aspectos da Alemanha, como cultura, literatura, história, geografia e ciências sociais. Além das pesquisas, a Cátedra irá permitir o intercâmbio de alunos e professores dos dois países.

Sedi Hirano explica, ainda, que essa transferência, negociada em sua gestão, faz parte de um projeto ainda maior: a instalação de um Centro de Estudos Europeus na FFLCH, o qual abrigaria a Cátedra alemã, a Cátedra Jaime Cortesão e as Cátedras francesas Pierre Monberg e Roger Bastide. A criação do Centro ainda está em andamento.

No evento, Hubertus Von Morr destacou que o espírito de pesquisador, a “admirável curiosidade” e a sede de saber, qualidades de von Martius, devem ser vistas como um exemplo pelos estudantes e cientistas.

Já Suely Vilela ressaltou que o jovem cientista levou à Europa uma nova e significativa parcela de conhecimento sobre o Brasil, sua natureza e sua gente. Em troca, através das suas viagens e pesquisas, muitos brasileiros tiveram seu primeiro contato com a cultura e a ciência européias. Ela defende que a Cátedra tornará possível que brasileiros aprofundem seus conhecimentos em política, cultura e história alemã e européia. Ao mesmo tempo, permitirá que os professores visitantes e alunos alemães entrem em contato com as múltiplas facetas da produção científica, intelectual e cultural da USP e da realidade brasileira. “Estou certa de que os nossos países, a USP e as Universidades alemãs muito se beneficiarão das nossas ações conjuntas”, conclui.

LEI DO PASSE – CONSULTA AOS DOCENTES

POR ALINE VICENTE MIGUEL

Desde o ano de 2003, a Congregação e os Departamentos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo vêm discutindo uma proposta apresentada pelo Professor Dr. Renato da Silva Queiroz: é a chamada “Lei do Passe”, que visa facilitar as transferências docentes entre Departamentos da Faculdade.

Em 20 de junho de 2003, de acordo com a deliberação da Congregação, o então diretor da Faculdade, Sedi Hirano, nomeou uma comissão encarregada de estudar a possibilidade de mudança no Estatuto da FFLCH, no que se refere às transferências docentes.

Como Presidente, foi nomeado o Professor Gabriel Cohn (Departamento de Ciência Política - DCP) e como membros estão os docentes Renato da Silva Queiróz (Departamento de Antropologia - DA); Esmeralda Vailati Negrão (Departamento de Linguística - DL); Zilda Márcia

Gricoli Iokói (Departamento de História - DH), Pablo Rubén Mariconda (Departamento de Filosofia - DF) e Ana Fani Alessandri Carlos (Departamento de Geografia - DG). Esse grupo encaminhou, por intermediação da Assistência Acadêmica em agosto de 2005, o texto abaixo para todos os Departamentos da FFLCH, o qual foi apreciado e discutido em cada Conselho Departamental.

“Lei do Passe

Proposta: todo professor, vinculado a um departamento há pelo menos dez anos, terá o direito de se transferir para qualquer outro departamento da Faculdade de Filosofia, bastando para tanto uma manifestação formal favorável do departamento para o qual o docente pretenda ir e a homologação da Congregação. Vale o mes-

mo para os que ocupam os cargos de titular e professor-doutor, desde que tenham permanecido, no período mínimo de dez anos, ao menos cinco no efetivo exercício do cargo.

Justificativa: o ingresso na Universidade se dá através de um departamento. Durante sua prolongada carreira universitária, um docente poderá alterar significativamente os rumos de seus temas de pesquisa e áreas de interesse intelectual, docência e extensão de serviços à comunidade. Ademais, é crescente o número de docentes portadores de formação multidisciplinar, podendo ocorrer, ao longo de sua prolongada trajetória acadêmica, mudanças em suas afinidades com determinados temas de trabalho. De outro lado, a configuração de um departamento também não está isenta de redefinições, com o que o professor poderá não mais nele se sentir à vontade por falta de interlocutores, divergências quanto às linhas de pesquisa valorizadas, desinteresse de pós-graduandos etc. Não se pode ignorar, por fim, as incompatibilidades que se criam em razão do desgaste provocado pelos muitos e intensos anos de convívio no interior de um mesmo departamento. Sendo assim, tem o professor o direito de se remover, preenchidas as exigências acima estabelecidas, à procura de novos interlocutores docentes e não-docentes. Vale lembrar que o docente é, sobretudo, um professor-pesquisador vinculado à Universidade, que desempenha suas funções em uma Unidade, alocado temporariamente em um departamento – ou seja, trata-se de professores “nos” departamentos, e não de professores “dos” departamentos”.

Sobre esse assunto, o Regimento Geral da USP, em seu artigo 130, estabelece que:

“Havendo conveniência para o ensino e para a pesquisa e respeitada a categoria docente, permitir-se-á a transferência de docentes:

I – de um Departamento para outro na mesma Unidade ou de Unidades diferentes;

II – de outra instituição de ensino superior para a Unidade da USP.

§ - 1º - As hipóteses previstas no inciso I dependerão da prévia anuência do docente e do pronunciamento favorável dos Conselhos dos

Departamentos e das Congregações.

§ - 2º - A transferência prevista no inciso II dependerá da manifestação favorável de pelo menos dois terços dos membros da Congregação interessada”.

Na Congregação realizada em 20 de outubro de 2005, os Chefes de Departamento da FFLCH trouxeram o resultado da discussão sobre tal assunto nos Conselhos Departamentais, que, na sua maioria, manifestaram-se contrários à aprovação da proposta, sob a alegação de que ela entra em choque com o Regimento da USP e, ao mesmo tempo, introduz exigências mais restritas no que se refere ao tempo de serviço.

Em decorrência de calorosas discussões na Congregação, votou-se a reelaboração do texto, com a inclusão das sugestões apresentadas. Esta nova versão foi encaminhada em fevereiro de 2006 para que os departamentos se manifestassem.

“Proposta de procedimento para a transferência interdepartamental de docentes na FFLCH

Todo docente, vinculado a departamento desta Faculdade há pelo menos dez anos, dos quais pelo menos cinco em efetivo exercício do cargo quando se tratar de Titular ou Doutor, terá o direito de transferir-se para qualquer outro dos seus departamentos, bastando a homologação da Congregação. Para tanto esta considerará, em primeiro lugar, manifestação favorável do departamento receptor apoiada no seu projeto acadêmico, além do compromisso de ambos os departamentos envolvidos no sentido de se associarem na busca de claro ou cargo que compense a perda do departamento de origem, cabendo a este prioridade na contratação de docentes. Entre o pedido de transferência e a homologação decorrerá prazo não superior a 12 meses, independente da compensação de cargo ou claro”.

Tanto o DL quanto o de DTLLC ratificaram a sua posição contrária. O Departamento de Geografia concluiu que esse tema não é prioridade, já que o artigo 130 do Regimento da USP trata sobre esse assunto. O conselho departamental de Letras Modernas considerou que o texto da proposta apresenta algumas imprecisões e ambigüidades, referentes, principalmente, à questão da concessão de outro claro ou cargo ao departamento cedente.

O de História entendeu que a proposta fere o espírito humanista da Faculdade, pois exacerba o individualismo entre os docentes e, ao mesmo tempo, compromete as especialidades das áreas do conhecimento de cada departamento. Já o DA condicionou a aprovação à garantia formal de concessão de outro claro docente ao departamento cedente para que este não seja prejudicado. O DCP, por sua vez, entendeu que a proposta fere o artigo 130 do Regimento, mas ao mesmo tempo reconheceu que a FFLCH deveria construir sua própria praxe, respeitando tanto a integridade institucional quanto as eventuais insatisfações de docentes com sua filiação departamental original. O assunto ainda está em discussão no DLO.

Diante dessas manifestações, a Congregação de 23 de março de 2006 deu continuidade à proposta aprovada na Congregação de 25 de novembro de 2005, no sentido de se fazer uma consulta on-line aos professores

ativos, no mês de abril. Nessa mesma Congregação, foi aprovada a formulação sobre a transferência docentes entre departamentos, a ser submetida à consulta através do site www.fflch.usp.br

“Você é a favor de que todo docente com mais de dez anos de vinculação ao seu Departamento e cinco anos, no mínimo, de efetivo exercício no cargo possa transferir-se para um outro Departamento da Unidade, sem precisar da anuência do seu Conselho Departamental, mantendo-se a necessidade do pronunciamento favorável da Congregação?”

A consulta tem apenas caráter de sondagem de opinião junto aos docentes, pois dentro do regimento atual, cabe à Congregação dar a última palavra sobre propostas dessa natureza.

ENTREVISTAS

ENTREVISTA – PROFESSOR GABRIEL COHN

POR ALINE VICENTE MIGUEL

Aline Vicente Miguel: Primeiramente, gostaria que o senhor falasse sobre a sua formação acadêmica e sobre a sua trajetória e carreira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Gabriel Cohn: Toda a minha formação e também a trajetória acadêmica são da Universidade de São Paulo, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Cursei Ciências Sociais e meus títulos acadêmicos são todos em Sociologia. Desde 1987, quando o antigo Departamento de Ciências Sociais foi desmembrado em Sociologia, Ciência Política e Antropologia, passei a integrar o Departamento de Ciência Política.

Fiz “carreira” também na representação em entidades civis e científicas na área: entre os anos de 1983 e 1987, fui presidente da Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo e depois da Sociedade Brasileira de Sociologia. Hoje presido a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – Anpocs.

Na nossa Faculdade, também estou fazendo a trajetória completa, de auxiliar de ensino a diretor, e com muito gosto: esta escola me deu tudo, e eu faço tudo por ela.

AVM: Como o novo diretor da FFLCH, quais os maiores problemas que o senhor vê na unidade?

GC: Problemas não faltam, em uma unidade que tem o tamanho de uma Unicamp, na qual se faz desde Cartografia até Sânscrito em 11 departamentos dos quais um, o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, é maior do que muitos institutos, com seus 100 docentes. No total, a FFLCH possui 435 professores, 10.800 alunos de graduação e 2.708 estudantes de pós-graduação. De imediato, eu gostaria de rever uma série de questões referentes a nossa estrutura física e ao nosso uso de espaços. Acelerar isso é plano de qualquer diretor recém-chegado. Nossa escola tem um problema crônico de infra-estrutura física, o qual devemos enfrentar. Há algumas medidas em andamento, como a expansão do Prédio de Letras, e outras emergenciais, como a intervenção no Prédio da Diretoria e Administração. Este foi pensado, em sua origem, como uma edificação provisória e possui, hoje, sérios problemas estruturais em suas instalações.

Eu tenho uma preocupação muito grande com o Prédio

da História e Geografia: considero-o totalmente inadequado, com problemas de ruídos e de circulação. Há espaços mal aproveitados e salas pequenas e quentes. Ele exige intervenções constantes que apenas consomem recursos e não resolvem nada.

O meu argumento é que o nosso problema não é simplesmente a insuficiência de espaços. O que existe é o problema de inadequação das edificações existentes, o qual compromete os objetivos da Faculdade.

Ainda não há nenhuma proposta para o Prédio da História e Geografia, nem para o da Diretoria e Administração. Primeiramente eu preciso conversar com os arquitetos e encaminhar uma proposta para os órgãos colegiados da FFLCH, como o CTA e a Congregação. Se eu conseguir um apoio interno, o projeto deve ser apresentado à Coordenadoria de Espaço Físico da USP – COESF -, que faz os levantamentos e estudos necessários. Mas é um processo de médio a longo prazo, pois temos que encontrar apoio da Universidade no que se refere aos recursos financeiros.

Também há problemas de fundo, que constituem desafios fascinantes. Um deles é o descompasso entre a rápida expansão (na verdade, recuperação parcial) do corpo docente nos últimos anos e a capacidade da escola para integrá-los no interior de uma instituição firme, dotada de focos complementares e não amorfa. Essa integração tem importância decisiva para a recuperação em novas bases e o fortalecimento de algo essencial, que é a consciência da importância da nossa escola e o orgulho de fazer parte dela.

O que vale é que há condições muito favoráveis para o trabalho, pela qualidade e motivação no interior do corpo docente e dos quadros técnicos e administrativos, sem falar que continuamos recrutando estudantes de boa qualidade. Por isso, precisamos oferecer-lhes formação de alta qualidade, em conformidade à combinação entre excelência do conhecimento e espírito crítico que sempre foram o nosso norte.

AVM: Quais serão as suas prioridades como diretor?

GC: Além de enfrentar os problemas a que fiz referência, há tarefas urgentes, como a atenção intensiva aos colegiados, em especial à Congregação, para que efetivamente funcione como fórum de formulação da grande política institucional, de debates dos grandes temas e como voz da escola na esfera pública. A busca da flexibilidade e da agilidade nos procedimentos e a constante abertura de canais de interlocução em todos os níveis são indispensáveis para enfrentar as muitas tarefas, todas elas “para ontem”.

AVM: Que avaliação o senhor faz da gestão anterior?

GC: O legado positivo da gestão anterior é um ponto favorável muito importante, pois organizou a Faculdade do ponto de vista da gestão e abriu perspectivas na área acadêmica, ao criar, por exemplo, a Comissão de Cooperação Internacional da FFLCH.

Eu posso dizer que muitos projetos que eu possuo como programa de trabalho não seriam possíveis se eu não encontrasse a escola no nível de organização que eu a encontrei. Isso se deve muito à gestão anterior. Não me refiro apenas ao Plano Diretor e à questão orçamentária, mas também à equipe técnica e administrativa, que é muito eficiente, coesa e motivada. Claro que aqui também há marcas de gestões passadas, mas essa última foi muito importante.

AVM: Muitas das questões relativas aos espaços da FFLCH foram delineadas na gestão anterior, sendo que o Plano Diretor prevê as soluções para esses problemas. Como exemplo, temos a previsão de construção de auditórios no Prédio de Letras e no Prédio de Filosofia e Ciências Sociais, de um prédio de laboratórios, para abrigar os centros e núcleos de estudos da FFLCH e também a construção de um anexo didático no Prédio de Letras. O senhor pretende continuar esses projetos ou na sua opinião há problemas mais importantes a serem resolvidos com uma maior urgência?

GC: Certamente devem-se continuar projetos como esses, e complementá-los com outros, que contemplem velhos problemas, como o do melhor uso do prédio da História e Geografia. Junto com isso vem a questão do uso dos espaços disponíveis, sempre às voltas com a tentação do “loteamento”.

A nossa estrutura física é muito viciada. Além de insuficiente, não é de alta qualidade e, em muitos casos, é inadequada. No que se refere ao prédio de laboratórios, eu pretendo continuar o projeto. Cada vez mais surgem novas entidades de pesquisas e como elas não possuem ainda um espaço próprio, instalam-se nas salas já existentes. Consequentemente, precisam ser feitos remanejamentos constantes.

Quanto aos novos auditórios, a sala 14 do Prédio de Filosofia e Ciências Sociais já está projetada para se transformar em um auditório. Independente disso, eu costumo propor ações em conjunto. Existe uma certa tendência em cada um querer o seu espaço. Isso eu gostaria de corrigir. Ao invés de fazer um auditório para cada prédio, acho melhor fazer algo que possa ser usado por todos. Nós temos um problema de compartilhamento de espa-

ços: devemos melhorá-los e propor um planejamento, para que seu uso seja compartilhado. Com a nossa carência de recursos, não podemos manter espaços ociosos. Há também alguns problemas menores, mas que não deixam de ser urgentes, como o sistema de circulação e acesso entre os prédios da FFLCH principalmente em relação aos deficientes físicos. Eu pretendo melhorar a circulação entre o prédio de História e Geografia e a Biblioteca Central e o acesso do mesmo prédio até o ponto de ônibus. Isso não só por questões de conforto, mas também por segurança.

AVM: Como o senhor vê a construção da identidade e da imagem de respeito e de excelência da FFLCH ao longo dos anos? Como se deu esse processo de consolidação?

GC: Bom, essa escola já foi, em sua origem, o centro nervoso e o núcleo da Universidade de São Paulo. Em consequência das transformações que a USP sofreu, atualmente a FFLCH não tem mais esse papel, nem voltará a ter. Mas o que me parece importante é que a imagem da Faculdade, embora boa, não corresponde à excelência real da escola: ela é melhor do que a imagem que possui. Uma tarefa nossa é, na realidade, ajustar a imagem interna e externa da FFLCH à sua importância real na vida cultural desse país. Ela é melhor do que parece, esse que é o meu argumento.

Muitas pessoas agem como se isso daqui fosse uma unidade secundária dentro da USP. Isso com base em um longo processo que existe em nossa sociedade de desqualificação das Humanas em relação às outras áreas (Exatas e Biológicas). É algo difícil, não é tão fácil reverter, porque as Exatas e as Biológicas têm um foco mais forte, produzem de maneira mais específica e nós tendemos a dispersar os nossos resultados. Então, muitas vezes, eles não adquirem muita visibilidade.

Também acho que as pessoas não vestem tão fortemente a camisa da FFLCH como eu gostaria que fizessem. Muitos estudantes que entram aqui não tem consciência de como a Faculdade é importante. Deveriam se orgulhar, porque estão entrando em um lugar que possui um enorme papel na vida cultural desse país. O professor Cícero Araújo, meu colega do Departamento de Ciência Política, diz o seguinte: "pegue o mapa cultural desse país e comece a tirar tudo aquilo que tem a ver com essa escola. Você vai ver os brancos gigantes que vão aparecer em todas as áreas da cultura".

A Faculdade está ligada a tudo que se faz de importante, ou a uma grande parcela do que se faz de importante na

vida cultural desse país. Direta e indiretamente. Indiretamente porque formou pessoas de destaque e diretamente porque promove uma série de atividades. Então a FFLCH tem muito mais presença, muito mais peso do que aparece por aí.

Acho que a imagem é uma construção constante e um desafio sério, porque nem sempre as pessoas que estão aqui dentro se dão conta da importância do lugar em que estão. Eu diria que essa escola merece muito carinho.

Na realidade a imagem de importância e de excelência não está dada, ela tem que ser construída. É um dos grandes desafios numa fase de mudanças grandes pela qual estamos passando. A imagem antiga se dissolveu com o tempo, pois não é mais a mesma escola. Temos que fazer um esforço grande, incluindo essa gestão, para enfrentar a exigência de construir uma imagem da escola que seja compatível com a importância que ela tem.

AVM: O quadro docente na FFLCH vem sendo renovado e ampliado desde a greve de 2002. Assim, como o senhor vê esse encontro de gerações?

GC: Essa rápida expansão, na verdade, corresponde a uma recuperação parcial de perdas anteriores. O número de docentes da Faculdade aumentou bastante, alguns formados aqui e outros de fora. Mas esses novos professores acabam se inserindo rapidamente em suas atividades rotineiras sem antes ter tido nenhuma chance de conviver com os outros colegas, sem entender melhor o que é essa escola e quais são os seus problemas e a sua história. Enfim, sem absorver o que seria uma "cultura" da FFLCH.

Eles, de fato, passam a empreender muitas tarefas, como aulas, orientações de pós-graduandos, projetos pessoais de pesquisa, iniciação científica, entre outros. A própria forma de organização das pesquisas faz com que esses professores trabalhem com o grupo restrito, segmentado e dividido. E a tendência é que ele fique ilhado. A Faculdade deve ter uma fluência de relações e contatos não só entre os docentes mas também entre as diferentes categorias. A idéia de professor em um canto, funcionário em outro e aluno em outro é insuportável. Nós deveríamos ter mais espaços de convivência.

O primeiro passo é a convivência docente. A Congregação, inclusive, já está estudando uma programação de eventos e confraternizações para promover essa integração.

Além dessa questão mais urgente, devemos expandir as atividades comuns também com alunos. As salas de aula não funcionam para isso. Precisamos de encontros intelectuais informais. É fundamental que um professor pos-

sa estar num lugar agradável e encontre estudantes que ele nunca viu na vida, que não são do curso dele, mas que às vezes tenham o maior interesse na área de pesquisa do professor. Um estudante pode mudar o rumo da sua trajetória intelectual, acadêmica e profissional por

conta de um encontro fortuito que ele teve com um docente de uma outra área. Se não há essa fluência, não há uma escola. A FFLCH corre o risco de perder a sua identidade se ela continuar uma espécie de arquipélago repleto de atividades isoladas e docentes ilhados.

ENTREVISTA – WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

PROFESSORA TITULAR DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA – FFLCH-USP
POR ALINE VICENTE MIGUEL

Aline Vicente Miguel: Gostaria que a senhora me falasse sobre as principais mudanças pelas quais passaram a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e a Universidade desde a época em que a senhora foi aluna até hoje.

Walnice Nogueira Galvão: A USP e a FFLCH são formidáveis, de altíssimo nível, modelos de excelência para o resto do Brasil. Agora, se mudaram? Mudaram, e muito. Sobretudo cresceram e se ampliaram, o que é positivo: sou a favor da democratização do ensino, mas de um ensino que seja público, gratuito e de alta qualidade. É essa a democratização da educação a favor da qual me posiciono, e não de outra.

Também sou a favor das cotas, pois o ensino público deve se expandir, mas deve se expandir gratuitamente e com qualidade. Não se pode baixar o nível do ensino porque o número de alunos vai aumentar, isso não pode ocorrer jamais, de modo algum.

Nessa fase que nós estamos atravessando as cotas são úteis, e para todos (mulheres, negros, pessoas que vieram de escolas públicas e não tiveram recursos para pagar um cursinho, etc). Mas encaro isso como uma fase a ser atravessada e superada. No futuro, provavelmente, não deveremos precisar das cotas. Mas, no momento atual, é claro que elas são necessárias. Você vê, por exemplo, o perfil de alunos que entram na USP: cada vez menos pessoas de baixa renda conseguem uma vaga para estudar aqui.

É claro que a concessão de cotas é uma medida paliativa, mas é melhor termos uma medida paliativa do que não termos nenhuma medida e, conseqüentemente, todos ficarem só reclamando que a maioria dos alunos que estudam na USP são ricos. Esse argumento serve para defender a privatização do ensino. Quantas vezes ouvi em reuniões e discussões formais: "A USP deve ser privatizada, porque seus alunos são filhos de pais ricos". Isso é, obviamente, um argumento perverso e um perigo, pois serve para defender a privatização, o que é um

outro absurdo. Então são necessárias algumas medidas que impeçam que essa tendência continue se agravando. Mas penso que a reforma deve ser feita também no ensino público fundamental e médio.

É bom lembrar que até a ditadura o ensino público (primário, ginásio e colegial) era o melhor no Brasil todo e era disputadíssimo, inclusive na cidade de São Paulo. Mas o regime militar conseguiu reverter o quadro e transformou o ensino público no pior, com exceção, naturalmente, da USP e de alguns outros raros casos. O que, aliás, só honra a USP como um baluarte de resistência democrática.

AVM: No ano de 2006, comemora-se o aniversário de três grandes obras de Guimarães Rosa: *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile* (50 anos) e *Sagarana* (60 anos). Na sua opinião, qual a importância dessas obras e do autor para a literatura brasileira? Quais os objetivos das comemorações?

WNG: Fiz doutoramento e tenho livros publicados sobre Guimarães Rosa: em minha opinião, ele é ímpar na literatura brasileira. Essas três obras são difíceis, pois foram escritas numa linguagem pouco corrente, que precisa ser decifrada, porque, de um lado, ele inventou neologismos e, de outro, recuperou arcaísmos do sertão. Então não é fácil ler essas obras, é necessário o uso do dicionário e muita pesquisa para entendê-las. Mas elas são de uma beleza e de uma riqueza espantosas. Ainda mais, Guimarães Rosa tem uma grande capacidade de inventar enredos, e não repete nenhum.

Veja bem, além disso, são livros volumosos. A primeira edição de *Grande Sertão: Veredas* tem quase seiscentas páginas e a primeira edição de *Corpo de Baile* tem quase mil. Isso quer dizer que são livros pesados, grossos, que exigem tempo de leitura e ainda assim mantêm esse nível alto de elaboração literária e estética.

A trajetória da obra é a seguinte. *Sagarana* sai em 1946; os outros dois (*Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Bai-*

le) saem em 1956. Só que *Sagarana*, dez anos antes, quando ainda tinha outro título, foi submetida a um concurso literário aqui mesmo no Brasil e perdeu, ficando em segundo lugar. Guimarães Rosa ainda não era conhecido, tanto que o júri, presidido por Graciliano Ramos, andou procurando quem era aquele segundo colocado que se apresentara com o pseudônimo de Viator. José Olímpio, o principal editor do Brasil na época, interessara-se pela obra e queria editá-la também. O primeiro prêmio consistia na edição da obra vencedora, mas ele decidiu editar igualmente o segundo colocado. Guimarães Rosa, a essa altura, tinha-se tornado diplomata, estava-se transferindo para o exterior, e ninguém conseguiu descobrir quem é que era Viator. Chegaram até a escrever artigos em jornais procurando-o, mas não houve jeito, ele não se apresentou. E passou dez anos reescrevendo *Sagarana*: excluiu três contos e diminuiu muito o restante, de tal modo que o livro se tornou metade do que era. Por isso é que é uma obra-prima, ele não tinha pressa de fazer as coisas, reescrevia sem cessar. Alguns dos jurados disseram que o que atrapalhou a avaliação foi a linguagem nova - ninguém tinha visto antes nada de parecido - e o tamanho do livro, que era muito volumoso. Depois de dez anos, portanto em 1946, sai a primeira edição de *Sagarana*. E foi aquele espanto, porque Guimarães Rosa ainda era um desconhecido. Houve críticos profissionais que não gostaram e que depois se arrependeram pelo resto da vida por terem dito que o livro não prestava, como os jurados do concurso; mas a maioria percebeu que se tratava de algo de extraordinário no panorama da literatura brasileira. Antonio Candido foi um dos primeiros, se é que não foi o primeiro, a saudar o livro como algo de diferente e notável, quer dizer, como grande literatura.

Depois disso, Guimarães Rosa passa outros dez anos escrevendo ao mesmo tempo *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*. Ambos saíram no mesmo ano, em 1956, pois ele os escreveu paralelamente. E há uma carta muito interessante dessa época em que ele diz que está meio desesperado porque há uma multidão de personagens em sua cabeça pedindo pouso em papel. Após essas duas obras ele escreve *Primeiras Estórias*, que é um livro de contos, e poucos anos depois, *Tutaméia - Terceiras Estórias*, sem que existam *Segundas Histórias*. Produz ainda mais dois volumes, que reúnem textos avulsos. A maioria dos críticos literários acha que o ponto alto é *Grande Sertão: Veredas*, seu único romance, pois todos os outros são livros de contos, mesmo longos ou "novelas", como os de *Corpo de baile*. Esse romance

costuma ser considerado como o mais importante da sua carreira e da literatura brasileira também.

Sem dúvida, a obra de Guimarães merece ser celebrada através da realização de diversos eventos, debates, seminários, congressos, conferências, mesas-redondas e novos livros. Merece todos os anos, mas merece mais ainda em 2006. Esses eventos contarão com muitas atividades e diversas abordagens de suas obras. Haverá estudos estilísticos, filológicos, lingüísticos, sociológicos, psicológicos, psicanalíticos, feministas, esotéricos, pois só uma visão de caleidoscópio poderá dar conta delas.

AVM: Agora falando sobre o livro *As Musas sob assédio: literatura e indústria cultural no Brasil, uma de suas produções mais recentes (2005)*. Gostaria que a senhora me falasse um pouco sobre esse trabalho, como ele está sendo recebido pela crítica.

WNG: O que posso dizer é que neste livro procurei fazer um balanço da literatura brasileira hoje, balanço de que precisava para mim mesma. Estamos na seguinte situação atualmente: com a globalização e a entrada em bloco da indústria cultural no país, o mercado editorial brasileiro disparou, tornando-se um dos maiores do mundo. Isso é até um paradoxo num país de analfabetos. É mais um sinal da tremenda desigualdade social brasileira, pois quem compra livros é sempre aquela minúscula porcentagem da população que lê e que tem dinheiro para comprar livros. O Brasil é hoje aproximadamente o décimo mercado editorial do mundo. E está praticamente em último lugar nos índices sociais (maior desigualdade social, maior mortalidade infantil, maior analfabetismo, pior distribuição de renda, etc). E é o décimo mercado editorial! Tomara fosse o contrário: gostaria que a gente tivesse o décimo lugar nos índices sociais. Mas temos esse paradoxo, que é causado tanto pela desigualdade social brasileira, com a concentração da renda, quanto pela globalização, que é um fenômeno internacional.

Então o que acontece é que o Brasil, de repente, começou a editar livros em quantidade, quando antes não era assim. Saem cerca de quinhentos mil livros por ano em nosso país hoje, num volume de negócios de milhões de dólares. Tem-se a impressão de que houve uma avalanche de publicações e tudo ficou meio confuso. Eu mesma precisava entender como é que se dá tal funcionamento, então resolvi ler os livros e tentar classificá-los e categorizá-los para ver qual o rumo que se estava tomando.

E o que eu percebi - e não é só no Brasil, isso acontece no resto do mundo, mas aqui mais acentuadamente - é que o mercado toma a preeminência sobre qualquer ou-

tro fator. Para Guimarães Rosa, por exemplo, o fator determinante não era o mercado, ele levou dez anos reescrevendo um livro e mais dez escrevendo outros dois; e produziu obras enormes. E não tinha pressa, escrevia e reescrevia muitas vezes o mesmo livro. Mas hoje não, os livros são escritos e publicados rapidamente.

Primeira consequência: eles devem ser fáceis, porque o objetivo é vender ao invés de escrever algo importante. Uma das coisas que percebi foi a seguinte: o valor de entretenimento passou à frente dos outros, então tenderam a desaparecer tanto o valor de conhecimento quanto o valor estético da literatura. Quem escreve ficção não tem isso em vista hoje. Já a poesia está salva porque o mercado não quer saber dela, poesia não vende. Pode ser que os poetas sofram muito, porque ninguém quer publicar suas obras, ninguém quer escrever sobre eles, eles não têm espaço para nada. Mas em compensação sua arte está preservada, e os poetas podem caprichar no que estão fazendo – o que é um fenômeno muito interessante.

Já no que diz respeito à prosa (romance e conto), escreve-se e publica-se muito, mas com um enfoque no mercado e nas vendas, apenas. Conseqüentemente, há livros feitos às pressas e que não encaram a criação como Guimarães Rosa encarou, quer dizer, não propõem nada de extraordinário, porque se for extraordinário não vende. Ao invés disso, o que há é uma repetição de fórmulas anteriores.

AVM: Hoje, quando há o lançamento de um livro, o que vemos em muitos jornais são *press-releases* sobre a obra ou então resenhas escritas, na maioria das vezes, por jornalistas. Nesse contexto, como a senhora vê a crítica literária no Brasil hoje? Há um debate intelectual?

WNG: É isso mesmo, muitos jornalistas entram na Internet para ver o que é que há sobre um determinado livro e copiam o que ali encontram. As coisas não vão bem desse ponto de vista, porque no campo da literatura, por exemplo, tudo é *press release*, ou então resenhas feitas por quem não leu o livro. Não há orientação para o leitor, nem debate. Só há lugares-comuns ou então polêmicas para o resenhista aparecer e fazer escândalo. Há alguns jornalistas que se especializam nisso, em fazer escândalos dizendo coisas horríveis sobre o autor e sobre a obra, para chocar.

Hoje, a crítica literária quase que só possui espaço na universidade, ou melhor, ela está entrincheirada na universidade. Mas não foi a universidade nem os universitários que o desejaram. Os órgãos de comunicação de massa foram expulsando a crítica literária progressivamente, acabando com os suplementos literários e com

as colunas de especialistas. Isso combina com o movimento geral do mercado, está tudo interligado. Há muita gente que protesta, dizendo que a crítica literária se encastelou na universidade. No entanto, ela fica lá porque não tem espaço fora dela. Benedito Nunes, um grande crítico literário da Universidade Federal do Pará, costuma dizer: “As muralhas, não fomos nós que construímos”. Foram fechando os suplementos literários, as páginas especiais sobre literatura, as colunas de intelectuais que não eram jornalistas. Foi uma tendência que se acentuou gradativamente no processo de modernização do jornal. Não se trata de uma perseguição particular dirigida contra a literatura, mas de uma modernização que expulsa essas coisas.

Pessoalmente, gosto muito de escrever para jornal e revista, principalmente para o *Caderno Mais!*, sobre vários assuntos: literatura, cinema, exposições e cultura em geral. Mas são muito raros os veículos que nos concedem um espaço para escrever. E na televisão, também, não há nada, não há qualquer programa sobre alta cultura, literatura, artes, música clássica, ópera e teatro na televisão brasileira, fora da TV Cultura – e mesmo nela, com moderação. Deveria haver. Já houve, e muito. Mas não sou pessimista. Penso que essa é uma fase que vai dar origem a outra fase nova, melhor, pois não pode ficar tão ruim por tanto tempo.

AVM: No artigo “Musas sob assédio” (publicado no *Caderno Mais!* do jornal *Folha de S. Paulo*, em 17/03/2002), a senhora afirma que a alta cultura e a alta literatura pereceram porque sofreram um processo de mercantilização e de incorporação à indústria cultural. Desse modo, como a senhora avalia o movimento literário brasileiro hoje? Quais são as principais tendências atuais?

WNG: Assim como no cinema de Hollywood, na literatura o valor de entretenimento vem em primeiro lugar, em detrimento do valor estético e do valor de conhecimento. Quer dizer, hoje a literatura não se propõe a ensinar e nem se dirige à beleza. É só distração, para você ler rápido e já comprar outro livro logo, sem prestar atenção: você lê o livro e já esquece do que leu. Isso é importante notar. Como panorama, o primeiro ponto a assinalar é que a literatura brasileira (ficção e prosa), deixou de ser regionalista. Ela foi hegemônicamente regionalista até Guimarães Rosa, durante bem meio século. Agora ela é urbana e até metropolitana, é uma literatura de cidade grande. Acabou aquela coisa do sertão e do campo. O maior representante dessa nova tendência é Rubem

Fonseca, que iniciou esse processo há cerca de 30 anos, quando passou a escrever literatura violentíssima e brutalíssima, de crimes na cidade grande. O gênero predominante é o *thriller*, influência derivada do cinema e do romance policial norte-americano. Isso significa uma aceitação da massificação, porque romances policiais, com detetives e etc., são coisas fabricadas em massa, feitas de olho nas vendas, não é algo fino e elaborado esteticamente.

Além dessa tendência, que se afirmou como a nova hegemonia, uma outra a assinalar é o que eu chamo de saga da imigração. Como o Brasil é um país de imigrantes, na segunda geração os descendentes começam a escrever para falar de si mesmos, da experiência de sua etnia, do desterro, do fato de perder uma pátria e ganhar outra. A principal corrente migratória que nós tivemos até agora foi a italiana, porque os italianos chegaram antes e deram uma contribuição sem par, principalmente a São Paulo. Então eles começaram a escrever logo, ou melhor, antes dos outros.

Depois dos italianos há os árabes, com Raduan Nassar e Milton Hatoum, que estão escrevendo sobre a corrente árabe, um aqui em São Paulo, outro no Amazonas. Há, também, Nélda Piñon, descendente dos espanhóis galegos, que acabou de ganhar dois enormes prêmios internacionais. Temos Moacyr Scliar, no Rio Grande do Sul, que escreve sobre a imigração dos judeus. Tem muita coisa estimulante. Quem está demorando mais, me parece, são os japoneses. Há uma colônia japonesa no Brasil numerosa e importante, há os filmes de Tizuka Yamazaki (*Gaijin* e *Gaijin 2*) que abordam a vinda dos japoneses ao nosso país, seu trabalho nas fazendas de café e nas cidades. Já em literatura ainda não há romances sobre esse assunto, mas logo haverá.

Afora a saga da imigração, há o que eu chamo os desconstrucionistas: são aqueles que põem em cheque a narrativa realista e escrevem por fragmentos, praticam a colagem e a montagem, misturam vários estilos. São ao mesmo tempo desconstrucionistas e pós-modernos, pois contestam a narrativa tradicional.

Há ainda outra tendência que é a sobrevivência do regionalismo, que ainda existe, mas bem menos, quase recessivamente. Mas não se trata do regionalismo mágico, que existia no Brasil, era muito interessante e praticamente desapareceu. Hoje há apenas a sobrevivência de um regionalismo de sobretons mais realistas.

Por fim, temos o nascimento do biografismo brasileiro. Há poucos anos, não havia biografia brasileira, só estrangeira e sobre estrangeiros, em traduções. Hoje podemos perceber esse movimento: não há como negar a

abundância das edições de biografias de brasileiros, escritas por jornalistas.

Bom, todas essas tendências apresentam interesse. Nenhuma delas é melhor que as outras, são tendências que estão se desenvolvendo. Mas é literatura feita em massa, com uma certa concepção de um público também massificado. Pode ser que daqui a algum tempo esse excesso de massificação atinja seu ponto de saturação e o público passe a exigir coisas mais refinadas. Não é impossível. Pode ser que essa primazia dada ao valor de entretenimento seja momentânea e que logo logo essa literatura comece a não satisfazer o público e, novamente, se dê primazia ao valor de conhecimento e ao valor estético. Faço votos que seja assim.

AVM: Nesse contexto, como fica a questão da democratização da literatura?

WNG: Há muito tempo discute-se esse problema, se a literatura deve ensinar ou agradar, se ela deve ser doce ou útil. A meu ver deve ser as duas coisas ao mesmo tempo, mas é muito difícil atingir um tal alvo. Acredito piamente na frase de Oswald de Andrade: "Um dia a massa comerá do biscoito fino que eu fabrico". Penso que democratizar não significa baixar o nível, porque isso é falta de perspectiva verdadeiramente democrática. Não podemos escrever pior só porque vamos escrever para a massa. É manifestar desprezo pelo povo fazer uma coisa dessas. Como dizia Gramsci, todos os seres humanos são intelectuais, se eu sou capaz de apreciar uma obra de arte, qualquer ser humano também é. Só falta o quê? Falta educação, instrução e orientação para não se contentar com porcarias, o que deixa as pessoas mais controláveis e vítimas passivas do autoritarismo.

Tenho a impressão de que o mau exemplo vem da televisão. Esse processo de dominação do Brasil pela TV foi iniciado na época da ditadura militar, pois esse regime investiu muito em telecomunicações e deu carta branca para a Rede Globo tornar-se a potência que se tornou. No momento em que se deu a abertura política, pensava-se que as coisas iriam melhorar no campo cultural. Mas o mundo já caminhava na direção da globalização. Então, quando o Brasil saiu da ditadura, ao invés de entrar num processo cultural próprio e democrático, já entrou na dinâmica global e na predominância do mercado sobre a cultura. Foi uma conjunção infeliz.

AVM: Em fevereiro deste ano, a senhora ministrou a Aula Magna 2006 da FFLCH sobre a professora Gilda de Mello e Souza. Para a senhora, o que representou

esse convite? Na sua opinião, qual o maior exemplo e contribuição que Gilda deixou não só à Faculdade, mas também aos docentes e aos alunos?

WNG: O convite, evidentemente, é uma honra. Na Aula Magna falei sobre a história da Faculdade, sobre sua fundação e sobre os professores europeus que vieram para cá. Aproveitei a oportunidade porque a Aula Magna foi sobre o percurso intelectual da professora Gilda de Mello e Souza, que faleceu recentemente. E seu percurso intelectual se entrelaça com a história da Faculdade: ela foi aluna dos principais professores franceses que vieram para a USP na década de 30 na área das humanidades, como Roger Bastide, Jean Maugué e Levi-Strauss. Ela não só foi aluna deles, como se tornou assistente do Roger Bastide, por dez anos, de 1943 a 1953.

Bastide ministrou aulas na USP durante 16 anos. Os outros professores iam embora rápido, mas ele ficou aqui todo esse tempo, tendo uma influência muito forte na vida cultural da cidade de São Paulo e do Brasil em geral, estimulado que foi pelo contato com um país completamente diferente do seu. Bastide escrevia para jornais sobre exposições, teatros, livros, além de ter contato com as principais figuras do Modernismo, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Sérgio Milliet. Resumindo, ele participava intensamente da vida intelectual e cultural brasileira. E a professora Gilda era assistente dele.

Em 1972, ela ministrou uma aula inaugural para a turma do curso de Filosofia daquele ano, a qual foi, também, uma aula de despedida, por conta de sua aposentadoria. E essa aula gerou o ensaio que escreveu sobre seus três principais mestres: *"A estética rica e a estética pobre dos professores franceses"* (publicado em seu livro *Exercícios de leitura*).

Já quando recebeu o título de professora emérita, ela praticamente dedicou a aula a seu mestre e orientador de seu doutorado, Roger Bastide. Então, veja, a história dela é entrelaçada à história da Faculdade, de sua fundação, dos professores europeus, porque ela teve, inclusive, esse contato especial de, além de ser aluna deles, ser assistente de Roger Bastide durante dez anos.

Não fui aluna de Gilda, porque sou da área de Letras. Fui aluna de Antonio Candido e depois fiz carreira a vida toda como sua assistente, aliás primeira assistente. Por isso não fui aluna de Gilda, que era do Departamento de Filosofia, mas assisti a muitas aulas, arguições de teses, conferências e cursos avulsos ministrados por ela. Eu os assistia sem obrigação nenhuma, por interesse pessoal, porque ela era uma esplêndida professora e uma grande intelectual.

Bom, Gilda foi chefe do Departamento de Filosofia durante três anos, de 1969 a 1972, no período mais negro da ditadura. E ela não tinha, vamos dizer, vocação para esse cargo, pois era uma pessoa muito reservada e discreta, que não gostava de aparecer. Mas acontece que, de repente, o Departamento ficou acéfalo, pois o regime militar havia cassado vários professores e outros tinham ido embora para o exílio, pois suas vidas corriam risco. Não havia professores com títulos, ficou uma desorganização total. Então o reitor da época disse que iria mandar um interventor para tomar conta do Departamento. Isso seria péssimo, porque esse interventor seria indicado pelos militares.

Então, naquela aflição toda que se seguiu, os colegas convenceram Gilda de que ela deveria assumir a chefia do Departamento, o que ela não queria de jeito nenhum mas acabou assumindo. Nesses três anos, ela conseguiu reorganizar o Departamento, defendendo-o em tudo quanto era instância. Chegou a negociar com o reitor para que ele esperasse um prazo até que os membros do Departamento defendessem mestrado, doutorado e livre-docência. Isso porque, de acordo com o regimento interno, um Departamento só é autônomo se tiver docentes em todos esses níveis.

Esse é um grande exemplo: defender uma instituição de ensino em plena ditadura e em pleno governo militar. Foi um desempenho notável o de Gilda, assumir um cargo que ela não desejava para defender a instituição, os colegas e os alunos.

AVM: Para finalizar, gostaria que a senhora me falasse sobre seus novos livros e projetos em andamento.

WNG: No ano passado, entreguei à editora Duas Cidades mais um livro sobre Guimarães Rosa. Chama-se *Minima Mimica* (é dele a expressão), e nele reúno vários ensaios avulsos dos últimos anos, alguns inéditos. Em 2006, estou trabalhando nos Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles, número especial inteiramente dedicado a Guimarães Rosa. Além disso, acabei de preparar a edição dos Autos do Processo do assassinato de Euclides da Cunha. Dos 26 livros que publiquei, 10 se referem a Euclides da Cunha, mas ainda assim faltava fazer a exegese destes Autos.

Preparo também um livro que recolhe artigos sobre temas culturais. Entre esses, lembro, como exemplo, um texto sobre um tapete que vi numa loja em Paris. Bom, andando pela rua, passei por uma pequena loja de tapetes, perto de onde me hospedo. E vi pendurado um tapete do Afeganistão que, para meu espanto, ao invés de ter

flores, desenhos geométricos e arabescos, tinha estampado um tanque, mísseis despencando do céu e um rifle Kalashnikov. Essa era a decoração do tapete.

Fiquei mal durante um bom tempo, porque os tapetes são uma das grandes criações da humanidade, a tapeçaria é uma arte milenar e seus desenhos também milenares foram brutalmente alterados. Os tapetes foram elaborados para embelezar o ambiente e amenizar a vida, com representações simbólicas altamente estilizadas de jardins, pássaros, flores, chafarizes e riachos. E a invasão do país alterou a sensibilidade das pessoas que fazem tapetes. Como elas vão comunicar ao mundo o que está acontecendo? Vão escrever livros?

Vão à televisão? Vão fazer o quê? Resolveram se expressar através do tapete. É impressionante, um horror, não gosto nem de lembrar.

Um dos meus próximos planos é escrever um livro sobre cinema, que abrangerá ensaios sobre diversos temas que me interessam. Já tenho prontos vários textos. Há um, por exemplo, sobre o tratamento do negro nos filmes tanto brasileiros quanto norte-americanos, examinando também quem são os atores, os diretores e as tendências. Há outro a respeito de filmes sobre terrorismo. Falta organizar esse material e escrever outros capítulos. Provavelmente não sairá este ano, mas eu não tenho pressa.

ESPAÇO MEMÓRIA

ENTREVISTA COM MARIA LIGIA PRADO

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH

SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO

A entrevistada é professora do Departamento de História.

Daniel Cantinelli Sevillano: Gostaria que você me falasse sobre sua formação universitária.

Maria Ligia Prado: Entrei para o curso de História no ano de 1968 e me formei em 1971. Pertencço à chamada 'Geração 68' e vivi, durante meus anos de graduação, do ponto de vista político, um período de fortes emoções, de embates de idéias, de esperanças (cujo símbolo foi o ano de 1968) e de frustrações (com as cassações de professores em 1969).

Em 1968, os cursos de História e Geografia já haviam se mudado do prédio da Maria Antônia para a Cidade Universitária e, nesse nosso espaço, muita coisa acontecia: assembleias de estudantes, reuniões e discussões políticas. Lembro-me com nitidez de que após o episódio da invasão da Maria Antônia, os alunos vieram para cá e houve uma assembleia lotada, num clima de grande comoção. Meu primeiro ano de Faculdade foi, desse modo, repleto de acontecimentos inesquecíveis, que me marcaram, assim como a toda a minha geração. A agitação de 68 foi esmagada pelo AI-5, abrindo novo período na Faculdade. Havia então - não é suposição ou imaginação - pessoas do regime militar instaladas nas salas de aula, que tinham a função de se "integrar" ao grupo e coletar informações para os órgãos militares de segurança. Às vezes, depois das aulas, três ou quatro colegas se juntavam

para conversar e havia um indivíduo desconhecido que, literalmente, se encostava para ouvir a conversa. O pátio do prédio ficou vazio, porque os alunos assistiam às aulas e iam embora; não havia mais clima para ficar conversando em grupos, porque isso poderia ser considerado subversivo. Assisti a algumas cenas terríveis, como quando os militares armados entraram no prédio para prender um aluno da História; ou quando vieram prender a professora Regina Sader da Geografia (buscavam também seu marido, o professor Eder Sader das Ciências Sociais) em sua sala de trabalho. Seu filho de uns 4 anos estava lá e precisou ser levado para a casa dos avós por uma colega e amiga. Um curso de graduação como o que fiz, com tantos acontecimentos políticos - emocionantes e dolorosos - deixa marcas profundas.

Do ponto de vista acadêmico, o curso me proporcionou extraordinárias descobertas intelectuais. Aproveitei ao máximo "as matérias" interessantes e suportei as medíocres. O curso tinha ótimos professores como os de Metodologia da História, Brasil Independente ou História Contemporânea. Li bastante, fiz muitos "seminários" e, logo de início, percebi que havia feito a escolha certa ao eleger o curso de História.

DCS: Os cursos de História e Geografia já estavam na Cidade Universitária, mas os outros cursos da Faculdade de Filosofia ainda estavam na Maria Antônia. Os

alunos desse prédio freqüentavam a Maria Antonia?

MLP: Lembro-me de que quando acontecia algo mais sério, como o episódio com os estudantes do Mackenzie, os estudantes mais engajados iam até a Maria Antônia, mas não era a maioria.

DCS: O professor Modesto, em sua entrevista, comentou sobre uma greve que os alunos de História fizeram contra um professor no começo dos anos 70. Você participou dessa greve?

MLP: Não participei porque havia terminado o curso quando essa greve aconteceu. Mas foi um acontecimento extraordinário; se hoje uma greve já é um movimento difícil, imagine naquela época, quando os riscos políticos envolviam possibilidades de prisão, processo, etc..

DCS: O movimento estudantil desapareceu depois de 68?

MLP: A repressão, como todos sabem, foi brutal. O movimento estudantil era muito visado. Recordemos o grande número de estudantes presos, torturados, os que entraram pra organizações clandestinas e os que morreram. Dessa maneira, era impossível continuar a ter a mesma visibilidade e exposição. Mas reuniões e atividades políticas eram realizadas de maneira encoberta. E, mesmo a duras penas, o movimento resistiu e sobreviveu.

DCS: Você nunca cogitou participar da luta armada contra o regime?

MLP: Fui sempre contrária à ditadura, mas nunca entrei para nenhuma organização político-partidária, clandestina ou não.

DCS: Até 1968 você não tinha tido nenhum tipo de experiência política?

MLP: Não, e por isso disse que 1968 representou uma grande mudança na minha vida. Pertencço a uma geração cujos horizontes para a mulher estavam bem definidos: esperava-se que ela se casasse e tivesse filhos. Aliás, foi o que aconteceu comigo. Terminei o curso Colegial Clássico (como se chamava à época), casei-me, tive meus três filhos e apenas aos 27 anos comecei a fazer a graduação.

DCS: Você dava aulas e fazia mestrado ao mesmo tempo?

MLP: Naquela época, eu e muitos de meus colegas tínhamos entrado para a Faculdade com a finalidade de sermos professores do "Secundário". Comecei a dar aulas no antigo Ginásio, em 1970, quando ainda fazia o curso de História. Dei aulas numa escola maravilhosa, o Ginásio Experimental da Lapa III. Tenho as melhores lem-

branças possíveis de lá. Minha vida era repleta de afazeres e não sei como conseguia fazer tudo aquilo: estudava, dava aulas e tinha três filhos para cuidar. Era difícil, mas eu era animada e determinada.

Em 1972, comecei o mestrado, que defendi em 1974, sob a orientação do professor Carlos Guilherme Mota. Eu e a Maria Helena Capelato, minha amiga desde os tempos de graduação, fizemos nossa pesquisa sobre o pensamento e as práticas liberais do jornal O Estado de S. Paulo, entre 1927 e 1937. Foi uma rica experiência intelectual e bastante diferente do esquema habitual. Nós tínhamos o mesmo tema, analisamos as mesmas fontes, só que cada uma tratava de um período, a Maria Helena de 1927 até metade de 1932, e eu de metade de 1932 até 1937. Líamos os mesmos textos, pesquisávamos e discutíamos juntas. Nós defendemos as dissertações no mesmo dia e depois publicamos, em 1980, os dois mestrados num livro conjunto, *O Bravo Matutino*.

DCS: Em que ano você começou a dar aulas aqui no departamento de História?

MLP: Em 1975, abriu uma vaga em História da América e o Departamento, fugindo à regra, propôs a abertura de um concurso de admissão de docentes, no qual seriam avaliados os currículos (a praxe da época era uma simples indicação do "Catedrático" da disciplina). Inscreveram-se 18 candidatos e quatro foram aprovados em regime de tempo parcial (habitual naquele tempo) no lugar do professor Raul de Andrade e Silva, que tinha se aposentado em tempo integral. Foi assim que iniciei a docência na disciplina de História da América. Como era "tempo parcial", tinha que continuar a dar aulas em outros lugares. Entre eles, trabalhei, por dois anos, na UNESP de Assis, lecionando História Contemporânea. Também guardo de lá as melhores recordações.

DCS: Você deu aulas por vários anos no secundário, e acredito que isso te ajudou muito a desenvolver a parte didática de sua docência.

MLP: Sim. Devo muito a meus colegas do Ginásio Experimental da Lapa. Essa experiência foi fundamental para mim; eles me ensinaram como um professor deve se comportar numa sala de aula. Aprendi que o professor deve perceber, procurar entender e valorizar o grupo de alunos que está à sua frente; sem estabelecer relações francas e diretas com o grupo, não há possibilidades de interação e intercâmbio intelectual.

DCS: Você sempre deu aulas de História da Améri-

ca? Foi influência dos seus cursos de graduação?

MLP: Não, porque durante a graduação essa foi uma área que não despertava interesse particular entre os alunos. Como já disse, fiz um inesperado (para mim) concurso para a disciplina de História da América Independente. Ao preparar meus primeiros cursos descobri um "mundo novo", até então desconhecido, que me fascinou. No período em que fui aluna, as disciplinas de América tinham "limites" cronológicos estabelecidos, não ultrapassando as independências políticas. Decidi, desde o princípio, que me dedicaria ao estudo da América Latina. E me propus como desafio, o de pensar o Brasil na América Latina, comparando as Américas de colonização espanhola e portuguesa.

Em 1984, apresentei meu primeiro curso de pós-graduação. Nesse período, tomei outra decisão central em minha vida profissional, a de orientar alunos que trabalhassem apenas com temas de história latino-americana. A maioria dos professores do Departamento orientava teses sobre o Brasil e considerei importante uma dedicação exclusiva (e, na época, rara) à América Latina. Foi uma atitude de risco, porque, entre outras dificuldades, os alunos precisariam viajar para o exterior para realizar suas pesquisas. Nesses mais de 20 anos de orientação, tenho tido o privilégio de trabalhar com excelentes alunos.

DCS: O departamento passou por uma série de desafios nos anos 80.

MLP: Sim, especialmente no que se refere à gestão do departamento. No começo dos anos 80, os professores mais jovens propuseram uma pauta de discussões concernentes a uma maior democratização das instâncias de poder do departamento. Você sabe que o DH tem hoje uma plenária da qual todos os professores podem participar com direito a voto. Esse foi o mais importante resultado político dos debates. Em verdade, ampliamos o espaço político ocupado até então pelos professores mais antigos e titulados, que concentravam as decisões de poder em suas mãos. Houve uma intensa participação política e muitos dos alunos tomaram o partido dos professores mais jovens para democratizar as instâncias decisórias do departamento.

DCS: Eu entrevistei o professor Zeron, e ele me disse que se a plenária do departamento hoje está esvaziada em relação à plenária dos anos 80. Você concorda com isso?

MLP: Não concordo. Acho que são momentos políticos diferentes. Quando você tem uma situação como aquela dos anos 80, em que havia dois pólos antagônicos, em que cada grupo tinha o seu 'lado', era indispensável ir às

plenárias para defender suas posições e, posteriormente, para consolidá-las. Quando esse intenso debate desaparece, é natural que as pessoas não se sintam tão motivadas para ir às plenárias.

Como vivi a experiência do tempo em que o Conselho Departamental era fechado, sei bem da diferença que a plenária faz - com muita gente ou não. Os temas, os problemas, as diferenças, as reivindicações individuais ou de grupo podem ser colocadas abertamente, discutidas e votadas. Lembro um exemplo individual do passado. Nós éramos todos contratados em tempo parcial. Só depois de pelo menos três anos, podíamos solicitar o regime de tempo integral. Apresentei meu pedido ao Conselho do Departamento; entretanto, ele demorou muito para ser votado e aprovado, porque uma poderosa professora do conselho segurou-o por um bom tempo, não permitindo que fosse colocado na pauta. Essa situação seria impossível de acontecer hoje com a plenária em funcionamento.

DCS: Você não acha que a plenária devia ser aberta para todos os alunos?

MLP: Em princípio, ela é aberta à participação e voz para todos os alunos. Mas não para voto, porque há uma desproporção entre o número de professore e de alunos. Muitos criticam a presença de poucos alunos (ou a ausência total) na plenária. Também aqui penso que temos que entender os estudantes. Na plenária discutem-se muitos assuntos burocráticos destituídos de qualquer interesse para os alunos. Mas se houver temas e questões políticas importantes, estou certa de que os alunos comparecerão e se envolverão.

DCS: Você foi chefe do departamento entre 1996 e 1998. Como foi essa experiência?

MLP: Para mim, foi um desafio e um aprendizado. Antes de tudo, quero lembrar que a vice-chefe era a professora Ilana Blaj, minha amiga muito querida e pessoa extraordinária, infelizmente falecida em 1998. Decidimos que faríamos uma gestão colegiada, trabalhando em conjunto. Aprendemos a conhecer e a entender os meandros da organização do departamento e da faculdade. Na época, o prédio estava muito deteriorado e enfrentando sérios problemas de segurança. Ao fim de nossa gestão, creio que havíamos conseguido resolver uma parte substantiva dos problemas. O apoio e a colaboração dos colegas foi também notável.

DCS: Você disse que foi meio que pressionada para assumir a chefia.

MLP: Sim, na época, um grupo de professores nos pro-

curou e "comunicou" a mim e à Ilana que havia chegado a nossa vez de chefiar o departamento, enumerando uma série de argumentos. Foi, digamos assim, uma pressão simpática.

DCS: Mas essa situação foi como a situação anterior à eleição do professor Modesto?

MLP: Não, dessa vez ninguém queria assumir a chefia.

O problema chegou a tal ponto que o Modesto e eu, por acreditarmos na importância da gestão da coisa pública, nos apresentamos como candidatos.

DCS: E por que ninguém quis assumir a chefia?

MLP: É uma resposta demasiadamente complicada para ser respondida em poucas linhas. Mereceria um seminário...

EVENTOS

DEBATES

Em dezembro de 2005, a Congregação da FFLCH criou uma comissão para organizar uma agenda de debates sobre temas relevantes para a compreensão do perfil da nossa faculdade, suas singularidades na relação com as outras unidades da USP e sua inserção atual na sociedade. A comissão composta pelos professores Cícero Araújo, Maria Ligia Prado, Moacyr Novaes e Valéria De Marco, propôs um primeiro conjunto de temas que foram aprovados na Congregação de março.

Os objetivos deste trabalho são os de dar início a um programa de maior integração entre docentes, funcionários e alunos e de subsidiar a discussão da reforma dos estatutos da universidade, em pauta este ano.

- 1) 03.05.2006 às 17h30 – Auditório de Geografia
Vocação docente e vida institucional
Debatedores: Gabriel Cohn, Flávio Aguiar e Sara Albieri
Após o debate haverá encontro no Clube do Professor
- 2) 24.05.2006 às 17h30 – Auditório de Geografia
Ensino e pesquisa: formação na FFLCH
Debatedores: José Artur Giannotti, Franklin Leopoldo e Silva e Jorge Almeida
- 3) A realizar-se em junho de 2006
Carreira e excelência acadêmica
- 4) A realizar-se em agosto de 2006
Relações entre sociedade e universidade pública

IV COLÓQUIO – PERSPECTIVAS DA LITERATURA FRANCESA *O ROMANCE FRANCÊS DO SÉCULO XX*

PROGRAMAÇÃO

24/ 04/ 2006

20h – Conferência de abertura

"PROUST, TEMPO E MEMÓRIA"

Prof^a Dr^a Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto (USP/FFLCH)

21:00 - Mesa redonda

"ANDRÉ GIDE E O QUESTIONAMENTO DO ROMANCE"

Prof^a Dr^a Regina Salgado Campos (USP/FFLCH)

"MICHEL TOURNIER: UMA NARRATIVA MÍTICA NO SÉCULO XX"

Prof^a Dr^a Guacira Marcondes Machado Leite (UNESP/CAR)

25/04/2006

9h – Mesa redonda

"O APRENDIZ DE VENTRÍLOQUO OU MAX JACOB ROMANCISTA"

Prof. Dr. Adalberto Luis Vicente (UNESP/CAR)

"LE CLÉZIO: CAMINHOS CRUZADOS: LE CLÉZIO"

Doutoranda: Luciane Alves Santos (USP/FFLCH)

"LE CLÉZIO: PROCEDIMENTOS NARRATIVOS EM ONITSHA"

Prof^a Dr^a Ana Luiza Silva Camarani (UNESP/CAR)

11h

"O ESTRANGEIRO (A. CAMUS): SUPERFÍCIES SUPERPOSTAS"

Prof^a Dr^a Samira Iunes (USP/FFLCH)



"A AUTO-BIOGRAFIA EM MARGUERITE DURAS"
Profª Drª Gloria Carneiro do Amaral (USP/FFLCH)

20h – Mesa redonda
"ÉDOUARD GLISSANT E O ROMANCE DAS AMÉRICAS"
Profª Drª Diva Damato (USP/FFLCH)

"AMÉLIE NOTHOMB: UMA 'HIGIENE SULFÚRICA' NA LITERATURA FRANCESA CONTEMPORÂNEA"
Profª Drª Verônica Galíndez Jorge (USP/FFLCH)

"O ESPAÇO MODO DE USAR: GEORGES PEREC"
Profª Drª Cláudia Amico Pino (USP/FFLCH)

"ROBERT PINGET E O NOVO ROMANCE"
Profª. Dra. Véronique Dahlet (USP/FFLCH)

Local: Av. Prof. Luciano Gulaberto, 403
Cidade Universitária
Prédio de Letras - sala 266

PRODUÇÃO DA FACULDADE



ATUALIZAÇÃO DOS CONCEITOS ESTÉTICOS EM WEBJORNALISMO

Organização: DENNIS DE OLIVEIRA E MOISÉS DOS SANTOS

Esse livro é o resultado do curso *Atualização dos Conceitos Estéticos em Webjornalismo*, oferecido em 2004 pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Escola de Comunicações e Artes – ECA - e ministrado pelos professores Dennis de Oliveira e Moisés dos Santos.

A obra conta com diversos artigos dos alunos que participaram do curso. Entre eles, há um texto de **Eliana Bento da Silva Amatuzzi Barros**, funcionária da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Ela, utilizando sua experiência como coordenadora do Serviço de Comunicação Social, escreveu o artigo *A experiência de Web Rádio na FFLCH-USP*. Este mostra a importância da Internet e do Web Rádio (serviço que será implantado em breve na Faculdade) na divulgação da produção acadêmica, científica e cultural de professores, funcionários e alunos.

O livro foi editado através de uma parceria entre a ECA, que realizou a impressão, e a FFLCH, que foi responsável pela diagramação e revisão. Seu objetivo é refletir sobre o papel do jornalista *on-line* em produzir um conteúdo de qualidade dentro de um espaço sem fronteiras, que necessariamente influencia a comunicação de massa.

CADERNOS DE ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA 6

A proposta destes cadernos é publicar semestralmente trabalhos recentes de alunos de graduação e pós-graduação em Ética e Filosofia Política, pondo em debate pesquisas nessa área, cuja vocação é a de não dividir claramente um único objeto de estudo. O direito, as artes, a história, a religião não raro se acham por elas invadidos, convertendo-se a um só tempo em sua matéria de investigação e seu cenário de intervenção, razão pela qual convidam-nos a um diálogo aberto com seus críticos e autores.



Humanitas FFLCH/USP
www.ffiich.usp.br/humanitas

PROGRAMA PREVENTIVO DE SEGURANÇA COMUNITÁRIA

Dentro do programa estratégico de prevenção desenvolvido pela Guarda Universitária da USP, lançamos esta cartilha com cuidados especiais para as mulheres, como forma de integrar a comunidade na participação preventiva da segurança dentro do *campus*.

Cuidados especiais para as mulheres dentro do *campus*

1. Estacione seu veículo próximo de locais onde haja movimento de pessoas.

Evite os lugares distantes dos estacionamentos.

2. Ao deixar o veículo e dirigir-se para sua Unidade, faça-o sempre na presença de pessoas ou peça o auxílio da segurança do *campus*, caso se sinta insegura.
3. Ao estacionar seu veículo, verifique se há pessoas suspeitas nas imediações, como alguém sozinho nas proximidades.
4. Mantenha sempre os vidros de seu veículo fechados,

- ao transitar ou estacionar.
5. Ao deixar a Unidade em qualquer horário e dirigir-se ao veículo, faça-o sempre acompanhada. Caso não encontre nenhum voluntário para acompanhá-la, solicite alguém da segurança para fazê-lo.
 6. Evite permanecer sozinha no interior do veículo estacionado. Ao estacionar, saia imediatamente do veículo.
 7. Se notar pessoas suspeitas nas imediações do estacionamento, ligue para a segurança.
 8. Nos deslocamentos no interior do *campus*, esteja sempre acompanhada de amigos ou solicite apoio da segurança.
 9. Tome cuidados especiais ao sair pelas portarias de pedestres nos seguintes locais: Estrada do Mercadinho, Portão Fepasa, Portão Vila Indiana, Hospital Universitário, São Remo e Portão Principal. Preferencialmente, esteja sempre acompanhada ao circular por esses locais.
 10. Mude sua rotina diária: estacione em locais diferentes, caminhe mudando o trajeto e, de preferência, acompanhada. Se notar que alguém a esteja seguindo, ligue para a segurança.
 11. Se for vítima de algum tipo de violência, denuncie. A Guarda Universitária da USP possui treinamento especial para tratar das vítimas de violência contra a mulher e dará todo o apoio necessário, desde o atendimento especial até o encaminhamento da ocorrência, com total preservação da intimidade.
 12. Ao usar o banheiro, faça-o quando houver movimentação de pessoas do lado externo. Não deixe objetos pessoais, bolsas ou equipamentos sobre lavatórios, levando-os consigo.
 13. Não circule pelo *campus* com bolsas contendo laptops ou outros tipos de equipamentos que chamem a aten-

ção. Seja discreta com seus pertences, como bolsas e carteiras.

14. À noite, use os caixas eletrônicos no interior das Unidades ou aqueles que possuam vigilância próxima.
15. Ao circular pelo *campus* à noite e verificar locais com mato alto ou falta de iluminação, ligue e informe à segurança.
16. Se tiver notícias de vítimas de violência sexual ou autores dessa violência, ligue para a segurança e denuncie. Você não precisa se identificar. Mas caso queira fazê-lo, sua identidade será totalmente preservada.
17. Evite namorar em veículos em locais ermos a qualquer hora do dia.
18. Ao deslocar-se para fora do *campus* até a estação de trem, faça-o sempre acompanhada. Caso sinta-se insegura, peça auxílio à segurança do portão.
19. As moradoras do CRUSP que, nos finais de semana à noite, fazem uso da estação de trem e utilizam a Ponte da Cidade Universitária como trajeto para o *campus*, devem fazê-lo sempre acompanhadas. Se preferir, solicite por telefone o apoio de seguranças da CPTM ou do *campus*.

Em caso de informações, dúvidas ou sugestões, ligue para a segurança do *campus* – Guarda Universitária, através do telefone (11) 3091-4222. Este serviço está 24 horas à sua disposição.

Segurança para qualidade de vida

Guarda universitária

DOV/PCO/USP

Centro de Planejamento e Controle

Prefeitura do Campus da Capital do Estado de São Paulo

Universidade de São Paulo

INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

N. 26 – abril/2006

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – AÇÃO
PRÉDIO DA ADMINISTRAÇÃO – RUA DO LAGO, 717
CIDADE UNIVERSITÁRIA – CEP 05508-900
TELFAX: 3091-4612 – FONE: 3091-4938

O Comitê Editorial do Informe encontra-se à disposição para o recebimento de material. Artigos devem, preferencialmente, conter 50 linhas de 70 toques e outras matérias (notícias, eventos etc) no máximo 10 linhas. Tel/Fax (0XX11) 3091-4612 e e-mail: informe@usp.br